

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica
António Barros

Paginação
Victor Hugo Fernandes

Execução gráfica
SerSilito - Maia

ISBN
972-8704-57-7

Depósito Legal
234088/05

© Outubro 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O FINANCIAMENTO DE:

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

FCT **Fundação para a Ciência e a Tecnologia**
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA Portugal

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT: Fundação para a Ciência e Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior
Apoio do Programa Operacional para a Ciência, Tecnologia, Inovação
do III Quadro Comunitário de Apoio

HÉLADE, PAN-HELENISMO E IDENTIDADE HELÉNICA

José Ribeiro Ferreira
(Universidade de Coimbra)

Nos primeiros tempos da época arcaica, ou mesmo ao longo de toda ela, não encontramos a noção expressa de pan-helenismo, sobretudo com conotação ideológica que, segundo J. de Romilly, só teria aparecido no séc. V a.C., graças aos Sofistas⁽¹⁾. Pode dizer-se apenas que tal noção se insinua por vezes, aqui e além, em algumas afirmações de determinados autores. O ciclo épico, dados os temas que trata, ofereceria possibilidades de a manifestar, mas os escassos fragmentos que desses poemas nos chegaram não permitem uma conclusão nesse sentido. Ao longo da época arcaica, a literatura vira-se para o indivíduo ou para a pólis.

O sentimento de unidade helénica começou por se afirmar de uma forma positiva pelo vincar de um conjunto de traços que uniam os Gregos, como a noção de uma mesma ascendência, mesma língua e religião, costumes e leis comuns, como acentua Heródoto em passo famoso (8. 144) e sublinha Aristófanes nos seguintes versos da *Lisístrata* (vv. 1128-1134):

⁽¹⁾ *Les Grands Sophistes dans l' Athènes de Périclès* (Paris, 1988), pp. 300-310. É certo que, como veremos, já nos Poemas Homéricos – precisamente no “Catálogo das Naus”, um episódio que é considerado um dos mais antigos, senão o mais antigo, da *Ilíada* – nos aparece o termo Helenos uma vez, para designar um povo do reino de Aquiles. Uma vez apenas surge também o composto *Panellenes* (*Il.* 2. 530) que, no entanto, parece implicar um maior número de guerreiros. Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos I - Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 1992), pp. 268-270.

Este estudo, no essencial, baseia-se no meu livro acabado de citar, a cujos dados com frequência recorre (sobretudo pp. 191-256 e 265-416).

Tenho-vos à mão, juntos, e quero dirigir-vos
justas censuras: vós com uma ablução comum
humedeceis os altares, como se fôsseis irmãos,
em Olímpia, nas Termópilas, em Delfos — quantos
outros diria se desejasse alongar-me! Mesmo assim
e apesar da presença do inimigo, o exército dos Bárbaros,
destruí os varões helenos e as suas cidades.

Mas esse sentimento de unidade cultural foi-se também fortalecendo pela gradual verificação de que esses traços e características comuns os distinguiam dos povos não-gregos com quem entram em contacto desde cedo, quer devido às migrações e colonização, quer através do comércio⁽²⁾. Aos poucos vai-se formando a consciência de que a humanidade é constituída por dois blocos, a ponto de a passarem a conceber de uma maneira dicotómica, com base na língua — eles, os *Helenos*, que falavam uma língua inteligível e habitavam a *Hélade*, e os outros povos, cuja fala era incompreensível e a que davam o nome comum e genérico de Bárbaros. E nesse grupo, os Gregos tanto incluem povos evoluídos, de civilização antiga, como os Persas, Lídios e Egípcios, quanto povos primitivos e selvagens, como os Trácios, os Sículos (cf. Tucídides 2. 96-97; 6. 2. 4-6). No séc. V a. C., sobretudo a partir das Guerras Medo-Persas, a oposição passa a adquirir outras conotações, além da linguística.

Esta visão dicotómica da humanidade — se bem que a linha divisória entre os dois mundos nem sempre se lhes apresentasse com precisão — encontra-se expressa na fórmula “Grego e Bárbaro”, para designar toda a humanidade, que se torna frequente nos autores gregos, a partir do segundo quartel do século V a.C.: está patente nos *Persas* de Ésquilo, aparece também em Heródoto, logo no prólogo das suas *Histórias*, obra em que adquire nitidez a visão da humanidade dividida em duas partes — a que fala grego e a que produz sons ininteligíveis, embora sem lhe atribuir qualquer conotação negativa⁽³⁾. Tal visão dicotómica está também presente

⁽²⁾ As migrações que se verificaram a partir do declínio dos Micénios — para já não falar da expansão destes — levaram os Gregos às ilhas do Egeu e às costas da Ásia Menor; mais tarde, a partir do século VIII, a colonização espalhou-os pelas costas do Mediterrâneo e do Mar Negro. Vide A. J. Graham, *Colony and Mother City in Ancient Greece* (Manchester, 1964); A. R. Burn, *The Lyric Age of Greece* (London, 1960), pp. 41-154.

⁽³⁾ E. g. Heródoto 1. 1, 4. 12; Tucídides 1. 82. 1, 6. 1. 1, 18. 2 e 33. 5.

Em Platão, *Leg.* 3, 680b, o sintagma ainda é apresentado como meio de descrever toda a humanidade: afirma-se que a lei patriarcal ainda é comum, quer entre os Gregos quer entre os Bárbaros.

na pre-figuração das duas mulheres do sonho de Atossa (vv 181-187), nos *Persas* de Ésquilo, representados em 472 — presságio do que aconteceria ao exército persa, e cena bem elucidativa da visão pan-helénica de Ésquilo, ele que era ateniense e que dessa forma mostra não dar assento a preconceitos contra os outros Gregos. Conta a rainha ter visto em sonho duas mulheres, que ultrapassavam as demais em estatura e beleza, atreladas ao carro de Xerxes: apresentava uma delas indumentária persa e habitava a terra dos Bárbaros, vestia a outra à maneira dórica e tinha por pátria a Hélade (vv. 181-183 e 186-187):

Pareceu-me que duas mulheres, ricamente vestidas,
ornada uma com o traje persa
e a outra à maneira dórica, se apresentavam a meus olhos.
.....
..... como pátria, uma habitava a terra da Hélade,
com que a sorte a distinguiu, e a outra a dos Bárbaros.

A primeira aceita docilmente, e mesmo com orgulho, o jugo que Xerxes lhe põe, mas a segunda resiste, quebra o freio e derruba o rei (vv. 192 sqq.).

As duas jovens representam, nitidamente, a Grécia e a Pérsia. Pode perguntar-se a razão por que Ésquilo prefere vestir a jovem que simboliza a Hélade com o *chiton* dórico em vez do iónico, que desde o século VI era utilizado pelos Atenienses. Embora seja provável que a escolha, como observa A. S. F. Gow, possa ter sido motivada pelo facto de o último ser usado tanto pelos Gregos asiáticos como os Persas⁽⁴⁾, não deixa de ser também demonstrativo da visão da Hélade como um todo.

Mas se Helenos era o nome que os Gregos se davam e Hélade o que aplicavam ao espaço em que viviam, tais termos tiveram um humilde começo e não foram os primitivamente usados para designar o conjunto dos Gregos e o seu mundo geográfico.

Embora as duas designações apareçam logo nos Poemas Homéricos, apresentam ainda um sentido local bastante restrito. Aí, o colectivo dos povos, que contribuiu com contingentes para a força expedicionária contra Tróia e se encontrava sob a soberania de Agamémnon, recebe o nome de Aqueus, de longe o mais comum, mas com o qual concorrem, lado a lado,

⁽⁴⁾ «Notes on the *Persae* of Aeschylus», *Journal of Hellenic Studies* 48 (1928) 157.

os de Argivos e Dânaos, bastante menos frequentes⁽⁵⁾. Ao espaço continental em que viviam chamavam Acaia ou Argos⁽⁶⁾.

É, portanto, perfeitamente possível que «Aqueus» fosse o nome nacional que a si próprios se davam os povos que habitavam a Grécia na altura da florescente sociedade dita micénica: é o etnónimo que mais vezes lhes atribuem os Poemas Homéricos e trata-se de um nome que figura nos documentos hititas e egípcios dos séculos XIV e XIII a.C., segundo a opinião e interpretação mais generalizada.

O etnónimo Helenos aparece apenas uma vez nos Poemas Homéricos a designar um povo que se encontrava em Tróia sob o comando de Aquiles (*Il.* 2. 684). Também somente uma vez nos surge o composto *Panellenes*, em *Il.* 2. 530, e parece implicar um maior número de guerreiros do que Hellenes: somos informados nos vv. 527-535 desse canto da *Ilíada* que o filho de Oileu, Ájax, comandante em Tróia do contingente dos Lócrios que habitavam em frente da Eubeia, não tinha rival no lançamento do dardo entre os Pan-Helenos e os Aqueus⁽⁷⁾.

Quanto ao topónimo Hélade, surge-nos cinco vezes na *Ilíada* (2. 683; 9. 395, 447 e 478; 16. 595) e tem sido interpretado em todas elas como designando uma parte da Tessália pertencente ao reino de Aquiles, precisamente o sítio onde habitavam os Helenos. No entanto, as ocorrências em *Ilíada* 9. 447 e 478 — em que, respectivamente, Fénix, devido a um conflito com o pai Amintor, se viu obrigado a deixar a Hélade de belas mulheres (v. 447) e a refugiar-se na Ftia junto de Peleu, depois de, na fuga, passar através da Hélade (v. 478) — parecem pressupor que, na *Ilíada*, esse topónimo designaria já uma ampla zona que englobava, pelo menos,

⁽⁵⁾ D. Page, *History and the Homeric Iliad* (Berkeley, 1959, repr. 1972), pp. 280-282, nota 64, aponta as seguintes ocorrências: 763 para *Aqueus*, 206 para *Argivos* e 159 para *Dânaos*. Pausânias 7. 1. 6-7 procura dar uma explicação para a origem destes três etnónimos.

⁽⁶⁾ Sobre as ocorrências de Acaia e Argos, sentidos e extensão do espaço que designam vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos* I, pp. 265 sqq.

É possível que o nome já se encontre nas tabuinhas do Linear B de Cnossos (KN C 914), onde aparece a forma *Akhaiwia* que M. Ventris e J. Chadwick, *Documents in Mycenaean Greek* (Cambridge, 1973) n.º 78, p. 209 interpretam como topónimo de cidade ou região, mas a que já tem sido dado um sentido mais amplo (L. A. Stella, *La civiltà micenea nei documenti contemporanei*, Roma, 1965, pp. 28-30 e 32) e que J. M. Aitchison, «The Achaean Homeland: *Achaiwia* or *Achaiwis?*», *Glotta* 42 (1964) considera o nome normal para o país dos Aqueus nos séculos XV e XIV a. C.

⁽⁷⁾ Sobre a discussão da autenticidade do passo vide G. S. Kirk, *The Iliad: A Commentary* I - Books 1-4 (Cambridge, 1985), p. 202 ad loc.

parte da Beócia, a Lócrida oriental e parte da Tessália. Concordo assim com Willcock quando observa que as duas referências da fala de Fénix se compreendem se considerarmos que Hélade engloba uma área mais ampla do que a parte que pertencia ao reino de Aquiles⁽⁸⁾.

Assim, apesar das dificuldades levantadas pela ambiguidade da geografia homérica e de tais informações se encontrarem na controversa fala de Fénix da discutida embaixada a Aquiles do Canto 9, parece-me ser sensato concluir que – embora de seguro nos fique apenas a certeza de que a Hélade abrangia uma parte da Tessália pertencente ao reino de Peleu-Aquiles e de que o termo Helenos designava o povo que habitava em tal região – não será lícito negar *in limine* a possibilidade de uma extensão a área mais vasta, já implícita aliás no composto *Panellenes* de 2. 530. Por outro lado, já foi posto em relevo que os Poemas Homéricos são claramente pan-helénicos nos seus objectivos e que a época em que essas obras se aproximaram da sua forma definitiva estava imbuída de ambiente pan-helénico, de que são sintomas, entre outros, o estabelecimento dos Jogos Olímpicos, o aparecimento e projecção do santuário de Apolo Pítico e do Oráculo de Delfos, a difusão do culto dos heróis, a proliferação da pólis, o fenómeno da colonização⁽⁹⁾.

Em conclusão, embora não tenhamos bases seguras para defender a extensão do topónimo Hélade e do etnónimo Helenos, nos Poemas Homéricos, também as não possuimos para negar uma tal viabilidade. Por isso não a julgo de todo impossível e parece-me sensato deixar em aberto, com as devidas reservas, a possibilidade de os Helenos se encontrarem espalhados, na altura da composição da *Iliada*, por uma zona que se estendia da Beócia à Tessália. Curiosamente, *Panellenes* ocorre numa expressão (*Panéllenas kai Achaiou*) que apresenta um sentido idêntico ou muito próximo ao que nos oferece uma fórmula da *Odisseia* (*Hellada kai méson Argos*) em que Hélade designaria, de forma vaga, já o conjunto da Grécia do Norte, enquanto Argos indicaria a Grécia do Sul: o domínio dos *Argivos* ou *Aqueus*, que se contrapõe ao Norte, ou seja, à região dos *Hellenes*⁽¹⁰⁾.

⁽⁸⁾ *The Iliad of Homer* (Londres, 1978) I, ad 9. 447. Vide ainda B. Hainsworth, *The Iliad: A Commentary* III - Books 9-12 (Cambridge, 1993), pp. 121-122 e 124 ad ll. 447-448 e 478; N. Richardson, *The Iliad: A Commentary* VI - Books 21-24 (Cambridge, 1993), p. 207 ad l. 299.

⁽⁹⁾ Para uma discussão mais pormenorizada do problema vide B. Hainsworth, *The Iliad. A Commentary* III (Cambridge, 1993), pp. 115, 121-122 e 128-131.

⁽¹⁰⁾ A expressão surge aí por quatro vezes e é interpretada geralmente como designando toda a Grécia continental: em l. 344 e 4. 720 e 816, diz-se que a glória de Ulisses se estende pela

Se na *Odisseia* se verifica uma extensão de Hélade, com bastante probabilidade à Grécia do Norte, em Hesíodo já encontramos o topónimo aplicado, pelo menos, a toda a Grécia continental, quando, no v. 653 dos *Trabalhos e Dias*, o poeta refere ter viajado para Cálcis ido de Áulide, localidade em que se reuniram todos os Aqueus vindos da *sagrada Hélade*, a fim de partir para Tróia. Com sentido semelhante, este mesmo termo aparece em Álcman (fr. 77 Page), Xenófanes (fr. 6.3 e 8. 2 Diels-Kranz); em Simónides (frs. 26.7 Page e *Epigrammata* VIII, X, XII, XV, XVI, XVIa Page), o poeta do pan-helenismo, como veremos adiante.

Também em Píndaro e em Baquilides encontramos passos que implicam a sua extensão, pelo menos também à Magna Grécia. O primeiro, em *Olímpicas* 13. 113, celebra a família de Xenofonte de Corinto, vencedor do pentatlo. Graças às vitórias alcançadas pelos seus membros, a glória dessa casa atingiu «a Grécia inteira». Em *Píticas* 1. 75, afirma que Hierão, ao vencer os Etruscos em Cumas e os Cartagineses nas margens do Hímeras, arrancou a Hélade à pesada escravidão, um feito que o poeta equipara à vitória sobre os Persas, em Salamina e Plateias. Em *Píticas* 4. 218, refere que o desejo de ver a Hélade atormentava a alma de Medeia, presa de amor por Jasão. Em *Píticas* 7. 8, canta que não há país nem casa mais famosa na Hélade do que Atenas e a dos Alcmeónidas. Em *Nemeias* 5. 26 acentua que nenhuma família, «em toda a extensão da Hélade», alcança tantas coroas no pugilato como a de Alcímidas de Egina. Uma vez usa Píndaro o composto *Panellados* para indicar toda a Grécia, quando num passo bastante lacunoso do *Péan* 6 se fala de sacrifícios oferecidos em favor da Pan-Hélade (vv. 62-77).

Em Teógnis não é ainda seguro que o topónimo englobe as ilhas, embora sejam grandes as probabilidades de as incluir: orgulha-se o poeta de, com os seus versos, tornar famoso o nome de Cirno na terra da Hélade e nas ilhas (v. 247). Em Heródoto, além da Grécia Continental, o topónimo engloba também uma parte, pelo menos, da Ásia Menor⁽¹¹⁾.

«Hélade e no interior de Argos»; em 15. 80, Menelau oferece-se para acompanhar Telémaco através da «Hélade e no interior de Argos». Assim pretende-se dizer que a fama e a glória de Ulisses atingem toda a Grécia e que por toda ela Menelau acompanharia Telémaco na busca do pai. Além destas quatro ocorrências, Hélade aparece mais uma vez na *Odisseia* 11. 496 que se refere ao país de Aquiles. De *Hellenes* não há exemplos.

⁽¹¹⁾ Das inúmeras ocorrências de *Hellas* em Heródoto não oferece dúvidas de que a de 1. 92 se estende à Ásia Menor, já que se apontam as ofertas de Cresos na Hélade e se nomeiam Tebas, Éfeso, Delfos e Mileto. Também 1. 27 parece implicar uma extensão à Ásia Menor. A de 7. 157 inclui a Sicília.

Para o etnónimo Helenos, a extensão foi mais lenta. Apesar disso, em Hesíodo, a sua aplicação a toda a Grécia pode estar implícita nos frg. 2 e 9 Merkelbach-West, nos quais se considera Hélen o antepassado de todos os Gregos. Traduzo o segundo:

Do belicoso rei Hélen nasceram
Doro, Xuto e Éolo que combate a cavalo.

Todavia ainda teve necessidade lançar mão do composto *Panéllenes*, para transmitir a noção da totalidade dos habitantes da Hélade, ao descrever os rigores do Inverno nos *Trabalhos e Dias*: queixa-se de que o sol anda por zonas da África e tarda a brilhar para «todos os Helenos» (*Panéllenes*, v. 528). O mesmo acontece ainda com Arquíloco, fr. 102 West, que conta como a escória de «todos os Helenos» (*Panéllenes*) convergiu para Tasos.

De Helenos, com o sentido amplo de habitantes de toda a Hélade, temos exemplos pelo menos desde o século VI a.C. Mesmo que não seja totalmente segura a ocorrência do termo no fr. 307 Lobel-Page de Alceu — o que permitiria um recuo até aos inícios do referido século —, já é segura a ocorrência do etnónimo numa inscrição de uma trípole de bronze que, segundo Pausânias, Equêmbroto teria oferecido a Hércules, em Tebas (10. 7. 5-6). Diz a inscrição que a trípole foi ganha nos Jogos Píticos de cerca de 586

cantando para os Helenos
poemas mélicos e elegias⁽¹²⁾.

Hecateu de Mileto, por seu lado, ligeiramente mais tardio (fins do século VI e inícios do V a.C.), fala dos muitos e ridículos *logoi* dos Helenos (fr. 1a Jacoby).

Em Simónides, já encontramos várias ocorrências, curiosamente todas datáveis da época das Guerras Pérsicas e referentes a acontecimentos com elas relacionados: alude à união dos Helenos em Salamina contra os Medos (XIXa Page) e à prece das mulheres coríntias a Afrodite pelos Helenos (XIV Page). Depois, a recordar a vitória, compõe um dístico, para Pausânias, «chefe dos Helenos», inscrever na base de uma trípole que dedicou a Apolo

⁽¹²⁾ Equêmbroto de Arcas é um poeta da primeira metade do século VI a.C. A vitória que motivou a inscrição será de cerca de 586.

(XVII Page) e o epigrama (XV Page) que os *Helenos* gravaram num altar consagrado a Zeus Libertador⁽¹³⁾.

Píndaro, a par de algumas ocorrências do composto *Panelenes* (*Ístmicas* 2. 38, 3/4. 47), emprega já com relativa frequência *Helenos* no seu sentido amplo: em *Olímpicas* 1. 116, proclama que, ao associar-se aos vencedores dos jogos, espalhará a sua arte entre os Helenos por todos os lugares; em *Olímpicas* 6. 71, a propósito da vitória de Agésilau, em 468, exalta-lhe a família, os Iamidas, desde há muito ilustre entre os Helenos; em *Píticas* 11. 49, proclama que nas guerras, com a ajuda dos deuses, Hierão obterá uma glória que nenhum outro dos Helenos conseguirá; em *Píticas* 11. 50-51, celebra Trasideu de Tebas que em Delfos, na corrida do estádio, venceu o conjunto dos Helenos; em *Nemeias* 10. 25, canta a vitória do lutador Teaios sobre a multidão dos Helenos; em *Ístmicas* 3/4. 54b, fala da bravura de Ájax que, ao suicidar-se, se tornou um opróbrio para os filhos dos Helenos; no fr. 118 Snell nomeia os «filhos dos Helenos». Parece não constituir dúvida que Píndaro mostra uma visão pan-helénica da Hélade. Esta é, para ele, um todo que se distingue e ultrapassa o individualismo da pólis: engloba todos os que falam o grego, que se reúnem nos grandes santuários religiosos para participarem nos Jogos. Seja qual for o lugar de onde venham, são Helenos a competirem com outros Helenos e o vencedor é-o de todos eles.

A partir de então o termo torna-se corrente. É paradigmaticamente utilizado por Heródoto que, logo no “Prefácio”, o emprega como contraposto dos Bárbaros, dividindo deste modo a humanidade em duas partes (os Helenos de um lado e de outro o vasto conjunto dos não-Gregos): anuncia que, com a sua narração, visa perpetuar os feitos praticados quer pelos Helenos, quer pelos Bárbaros. Ao longo da obra mantém-se patente esta noção bipartida da humanidade⁽¹⁴⁾. O etnónimo aparece com relativa frequência na tragédia e na comédia e é usual na literatura posterior⁽¹⁵⁾.

Uma prova de que essa extensão se verificara, ou estava pelo menos em processo adiantado, provém do facto de o termo *Helenos* (ou um composto

⁽¹³⁾ Estes epigramas serão analisados adiante com mais pormenor.

O fr. 106D ainda nos apresenta outro exemplo de *Hellenes*. No entanto, Page, *EG*, p. 22, não considera autêntico o segundo dístico do epigrama, em que o vocábulo se encontra.

⁽¹⁴⁾ Vide H.C.Baldry, *The Unity of Mankind in Greek Thought* (Cambridge, 1965), pp. 21-24.

⁽¹⁵⁾ Sem tomar em conta os fragmentos, Ésquilo apresenta dezoito ocorrências, doze das quais nos Persas; Sófocles onze e Eurípides para cima de cem.

em que ele entre) ser aplicado de modo geral a conjuntos formados por elementos não apenas vindos de várias póleis ou regiões, mas também a algo em que estejam implicados esses grupos mistos. É disso um bom exemplo o Helénion de Náucratis, santuário fundado por várias cidades, talvez em meados do século VI a.C., em cujas ruínas se encontraram dedicatórias do tipo seguinte: «aos deuses helénicos» ou «aos deuses dos Helenos» (cf. Heródoto 2. 178).

Não há certezas, nem informações seguras que possam explicar a expansão, mais ou menos rápida, para o topónimo Hélade e para o etnónimo Helenos, embora tenhamos indícios que parecem apontar para a conexão de *Hellas* e *Hellenes* com vários povos, regiões do norte da Grécia⁽¹⁶⁾ e com santuários, como Dodona e Anficionia de Delfos/Antela, um e outro com relações estreitas com o reino de Aquiles, sede inicial do etnónimo e topónimo Helenos e Hélade; e talvez não seja despidendo o papel exercido pela épica, em especial os Poemas Homéricos.

Por outro lado, visto que se dá a circunstância de os juizes dos jogos pan-helénicos, em especial os Olímpicos, se chamarem Helanódices e de o etnónimo *Helenos*, com o sentido extenso, ter as primeiras ocorrências ligadas aos concursos desses mesmos festivais, não me parece de rejeitar a opinião de V. Ehrenberg de que o nome dos Helenos, aplicado a todos os Gregos, deve ter sido usado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos⁽¹⁷⁾. O impulso incutido pelas Guerras Pérsicas nessa expansão e divulgação teria sido, no entanto, decisivo e nunca de desprezar.

⁽¹⁶⁾ O sufixo *-anes,-enes* apesar da diferença de acentuação e de quantidade de vogal, aproxima o etnónimo ao nome de um conjunto de povos do norte, como *Akarnanes*, *Athamanes*, *Dymanes*, *Kapallênes* e outros, e somos informados de que *Helloi* ou *Selloi* era o nome dos sacerdotes ou habitantes de Dodona, e *Hellopia* o da região dos arredores desse santuário (cf. Hesíodo, fr. 240 Merkelbach-West) e o de uma outra no norte da Eubeia (cf Hdt. 8. 23).

Igualmente o etnónimo *Gregos* que, a partir dos Romanos, superou o de Helenos, parece ter a sua origem relacionada com a região de Dodona. Segundo Aristóteles, *Meteor.* 1, 352b 2, os Selos, primitivamente, chamavam-se *Graikoi*. Daí o nome estendeu-se a todos os habitantes da Hélade e na época helenística concorre com o de *Hellenes*. Vide Pfeiffer, *Callimachus* I (Oxford, 1949), ad fr. 514.

⁽¹⁷⁾ V. Ehrenberg, «Hellenes», in *Oxford Classical Dictionary* (2ª ed.), s. v.. Por seu lado, J. F. Lazenby na redacção da referida entrada, na 3ª edição do Dicionário, não rejeita a influência dos Jogos Olímpicos na expansão do nome, mas liga essa extensão sobretudo à Anficionia Delfos/Antela e à colonização grega ocidental.

Se a evolução do topónimo Hélade e do etnónimo Helenos, e sua extensão geográfica, nos permitem detectar já um uso pan-helénico anterior desses termos — o primeiro aparece já aplicado a toda a Grécia em cerca de 700 a.C. e do segundo nos chegam exemplos que englobam a totalidade dos Gregos, a partir da primeira metade do século VI a.C. —, nos autores gregos, essa visão generalizada e suas principais manifestações só começam a surgir na primeira metade do século V a. C. em ligação com as Guerras Pérsicas.

Sendo assim, é natural que nos apareçam preciosos e valiosos contributos em escritores dos sécs. V e IV a.C., como Simónides, Ésquilo, Heródoto, Eurípides, Aristófanes, Tucídides, Xenofonte, Demóstenes e Isócrates. Uma vez que Ésquilo, Heródoto e Eurípides são objecto de análise em outros estudos deste volume e que Demóstenes, Isócrates e demais oradores serão abordados no volume seguinte, aqui tratarei com mais demora Simónides e a *Ifigénia em Áulide* de Eurípides.

O primeiro — com a vida a decorrer na segunda metade do séc. VI e primeira do V a.C.⁽¹⁸⁾ — não foi, desde o começo, uma personalidade pan-helénica. Só durante as Guerras Pérsicas a sua voz adquire essa vibração. E assim é significativo que a quase totalidade dos fragmentos desse poeta, com carácter pan-helénico, segundo Page, sejam do tempo dessas Guerras, a elas digam respeito ou se relacionem com factos e pessoas contemporâneos delas⁽¹⁹⁾. Teria composto um epitáfio em honra dos que caíram na batalha de Maratona ou de Salamina, em que realça a importância pan-helénica da vitória e com o qual teria vencido Ésquilo (cf. *Vita Aeschyli* 8, onde aliás só vem referido o de Simónides) que coloca a tónica na glória da cidade⁽²⁰⁾. É bem elucidativo do sentir da população ateniense e dos laços que os uniam aos outros Gregos ver que, numa batalha em que a vitória fora a bem dizer obra sua ou se lhe devera em grande parte, o epitáfio, além de não fazer alusão à cidade, afirme que tinham perecido a combater, em terra ou no mar, para que «a Hélade inteira não visse o dia da servidão».

⁽¹⁸⁾ Vide J.H. Molineux, *Simonides. A Historical Study* (Wauconda, Illinois, 1992).

⁽¹⁹⁾ Page, *EG* atribui ainda à mesma época, e relacionados com o mesmo acontecimento, os epigramas XX, XXIII e XXXIX, em que o vocábulo aparece.

⁽²⁰⁾ Já identificado com uma inscrição encontrada na ágora durante as escavações, o epigrama, apesar das dificuldades de autenticidade que levanta, tem sido atribuído a monumentos dedicados às batalhas de Maratona ou de Salamina. Discuto o problema da autenticidade e da identificação da inscrição em *Hélade e Helenos* I, pp. 302-304. Sobre a inscrição vide R. Meiggs e D. Lewis, *A Selection of Greek Historical Inscriptions* (Oxford, 1969, repr. 1980) n.º 26, pp. 55-57.

Se se discute a autenticidade e atribuição desta inscrição, não restam dúvidas de que, em 480, na altura da invasão de Xerxes, a voz de Simónides se ergueu a proclamar a glória dos que lutaram pela liberdade da Grécia contra os Persas. Se bem que a sua obra chegada até nós seja escassa e muito fragmentada, o que nos resta permite perceber que, a partir de então, a sua perspectiva era verdadeiramente pan-helénica.

A *Suda* transmite-nos títulos de composições como *A batalha naval de Artemísio*, *A batalha naval de Salamina*, *A batalha de Plateias*, *O reino de Cambises e de Dario* e *A batalha naval contra Xerxes*⁽²¹⁾ — em que o conteúdo pan-helénico poderia naturalmente figurar. Infelizmente deles nos chegaram apenas escassos fragmentos, embora no último quartel do séc. XX tenham sido publicados os papiros 2327 e 3965 que revelaram alguns fragmentos mais substanciais relacionados com essas batalhas⁽²²⁾.

O papiro 3965 contém fragmentos de poemas elegíacos de Simónides sobre os grandes confrontos dos Gregos contra os Persas, mas só o poema relativo à Batalha de Plateias apresenta passos com carácter pan-helénico que parecem mostrar que a ideia de invadir o interior do Império persa estava presente e teria sido assunto falado na década de 470 a.C.

Era um poema extenso — ultrapassaria os cem versos — de que, no entanto, se perdeu a maior parte. Apesar disso, trata-se da composição de Simónides de que nos chegou maior quantidade de versos, através dos quais podemos detectar as suas linhas essenciais. Continha um hino inicial ou proémio de cerca de 30 versos — de que restam os frs. 10 e 11 W² com nítidas influências homéricas e hesiódicas, tanto no conteúdo, como no estilo e língua —, dedicado possivelmente a Aquiles ou à sua mãe Tétis, cujo final parece referir-se, segundo West, à morte e funerais do herói, à destruição de Tróia como castigo da falta de Páris pela justiça divina, à vitória dos Gregos que desse modo obtêm uma glória imperecível, graças a Homero⁽²³⁾. Os vv. 23-28 do fr. 11 West² introduzem o tema da elegia:

⁽²¹⁾ *Suda*, s. v. Simonides. Vide Bowra, *Greek Lyric Poetry* (Oxford, 1968), pp. 343-344; W. Kierdorf, *Erlebnis und Darstellung der Perserkriege* (Goettingen, 1966), pp. 22-24.

⁽²²⁾ Frs. 2-22 West². O papiro 2623 foi identificado como de Simónides por E. Lobel in P. Turner (ed.), *Papyri Greek and Egyptian edited by various hands in honour of E. Gardner* (London, 1981), pp. 21-23 e o papiro 3965 foi editado por Peter Parsons em *The Oxy. Papyri 59* (London, 1992), pp. 5-49. Logo provocaram um conjunto de debates, colóquios, colectâneas de estudos: M. L. West, «Simonides redivivus», *ZPE* 98 (1993) 1-14; o número especial de *Arethusa* 29, 2 (1996); D. Boedeker e D. Sider (edd.), *The New Simonides* (Oxford, 2001).

⁽²³⁾ M. L. West, «Simonides redivivus», *ZPE* 98 (1993) 5.

a celebração dos homens que salvaram Esparta e a Hélade do perigo da escravatura e passaram a gozar de uma «glória imortal» (v. 28). Por isso Simónides manifesta a intenção de perpetuar a memória dos grandes feitos desses homens no futuro (v. 24). Observa Parsons que a escolha do tema, com a introdução do próêmio, pressupõe a aproximação entre as Guerras Pérsicas e a Guerra de Tróia e estabelece uma analogia entre o presente papel de Simónides e o de Homero, de quem o poeta de Ceos fala com grande admiração⁽²⁴⁾.

O v. 29 inicia a narrativa – e que, como faz Rutherford, poderemos considerar a segunda secção do poema (frs. 11.29 sqq., 12 e 13 W2 –, com a partida do exército espartano da sua cidade, acompanhado pelos seus heróis, os Dioscuros e Menelau, chefiado por Pausânias, a que o poema dá relevo e parece mencionar de forma honorífica (vv. 33-34). Em seguida descreve-se a progressão das forças gregas até ao Istmo de Corinto, a Mégara, a Elêusis. No fr. 13, que na elegia não se encontraria muito distante do 11, os exércitos estão no campo de batalha, os Medo-Persas e os filhos de Doros e Héacles, frente a frente.

Numa terceira secção seria feita uma profecia acerca da batalha – de que resta o fr. 14 W² e a que Rutherford apelida precisamente “Profecia” –, se é correcta a interpretação de West que lê μάυτιος no v. 42 do fr. 11 e liga os vv. 3-6 do 14 com a profecia do adivinho Teisâmenos⁽²⁵⁾, narrada por Heródoto (9.6): que os Gregos falhariam, se cruzassem o Asopo, mas obteriam grande vitória, se, pelo contrário, parassem na sua margem. Nos versos seguintes, 7-8, o adivinho parece incitar a que se lancem os Persas fora da Ásia ou Iónia, profetizando que essa empresa será obra de Ares, com a permissão de Zeus. E este incitamento a invadir a Ásia já se enquadraria dentro do pan-helenismo com conotação ideológica que surge no séc. V a.C., graças aos Sofistas⁽²⁶⁾, e que M. A. Flower, com justeza, considera encontrar-se presente neste passo de Simónides⁽²⁷⁾.

Seguir-se-ia a descrição da batalha, com um catálogo dos efectivos a precedê-la, a que pertenceriam os frs. 15, 16 e 17 W2, os dois primeiros

⁽²⁴⁾ P. J. Parsons, «3965. Simonides, Elegies», in *The Oxy. Papyri 59* (London, 1992), p. 32.

⁽²⁵⁾ «Simonides redivivus», *ZPE* 98 (1993) 8-9.

⁽²⁶⁾ Como já foi dito acima (p. 15).

⁽²⁷⁾ Michael A. Flower, «From Simonides to Isocrates: The fifth-Century Origins of Fourth-Century Panhellenism», *Classical Antiquity* 19 (2000) 65-68.

relativos ao catálogo e citados por Plutarco⁽²⁸⁾. Não apresentam, contudo, interesse relevante para o meu objectivo.

Em conclusão tratar-se-ia de um poema grandioso, na concepção e no estilo que, como já notou com acerto West, apresentava uma linguagem elevada, com epítetos homéricos e mesmo um símile (fr. 11, 1-3), em que um hino inicial a Aquiles que transmitia uma nota épica à composição e colocava o conflito com Mardónio no plano heróico; em que os heróis humanos aparecem assistidos pelos deuses; em que Teisâmenos, apresentado como adivinho homérico, poderia indicar as deliberações dos deuses olímpicos e revelar todo o plano dos acontecimentos⁽²⁹⁾.

Simónides parece especificar o favorecimento dos deuses aos Helenos, referindo inclusive as escoltas sobrenaturais que acompanham os Espartanos (fr. 11 W2, vv. 39 e 42). Como os versos anteriores haviam feito alusão à justiça divina a respeito dos Troianos, é possível que, à semelhança da interpretação de Ésquilo nos *Persas*, Simónides veja o desastre dos Medo-Persas como castigo enviado pelos deuses.

Embora haja intenção, ao que tudo indica, de preservar a memória dos Espartanos, com a ênfase, no lado Grego, a ser colocada nos Dórios do Peloponeso, poderemos admitir como Rutherford que o primeiro interesse de Simónides foi não tanto articular as práticas militares de Esparta, mas mais produzir uma narrativa que fosse impressiva a nível pan-helénico, observando que os frs 15 e 16 W2 – nomeiam também Éfira, Corinto, a que o fr. 11 acrescenta Mégara (v. 37) e talvez Atenas (v. 41) – mostram que Esparta não era o foco único nem absorvente da narração⁽³⁰⁾. Parece-nos, no entanto, mais acertada a opinião de Boedeker de que estaríamos perante uma narrativa com perspectiva pan-helénica, mas que reflecte, apesar de tudo, o maior papel desempenhado por Esparta na batalha⁽³¹⁾.

Desse modo, a elegia de Plateias torna-se significativa, já que, se a narrativa propriamente dita começa com Esparta a desempenhar papel dominante no fr. 11, mesmo que puséssemos de parte os vv. 35-41, os frs. 15-16 bastariam para mostrar que Simónides apresenta os acontecimentos

⁽²⁸⁾ *De malignitate Herodoti* 42 (=Moralia 872D).

⁽²⁹⁾ M. L. West, «Simonides redivivus», *ZPE* 98 (1993), p. 9.

⁽³⁰⁾ Ian Rutherford, «The New Simonides: Towards a Commentary», *Arethusa* 29 (1996) 183 e 175, respectivamente.

⁽³¹⁾ D. Boedeker, «Simonides on Plataea: Narrative Elegy, Mythodic History», *ZPE* 107 (1995) 224-225.

da batalha pelo prisma de uma visão ampla e que os Lacedemónios não apareciam sós na elegia⁽³²⁾.

Esse carácter pan-helénico do poema condiz com o de outras afirmações do poeta, mas, apesar disso, assenta ainda muito no plano da conjectura⁽³³⁾. De qualquer modo o tema era propício e Simónides deixou-nos várias outras composições que realçam a glória dos que combateram contra os Persas e exaltam o contributo que deram para a liberdade da Hélade, quaisquer que eles fossem – Atenienses ou Espartanos, Eginetas ou Coríntios, Megarenses ou Lócrios. Em um epigrama (XIX^a Page) o autor alude à união dos Helenos em Salamina «para enfrentar os Medos no mar». Refere num outro (XIV Page) que as mulheres coríntias dirigiram a Afrodite uma prece pelos Gregos, para que a deusa não entregasse aos Persas «a acrópole dos Helenos». Por outro lado, repellido o inimigo, o poeta compôs o dístico para a base da trípede que Pausânias, «chefe dos Helenos», dedicara a Apolo a recordar o feito⁽³⁴⁾, e o epigrama (XV Page) foi gravado num altar que os Helenos, após vencerem os Persas, ergueram a Zeus Libertador – altar comum que adorna a Grécia livre:

Os Helenos, em agradecimento da vitória, obra de Ares,
conseguida graças à coragem e à audácia de alma,
ergueram, depois de expulsarem os Persas, para adorno da Hélade livre,
este altar comum em honra de Zeus Libertador.

Foi, no entanto, na exaltação dos que caíram em combate contra os Persas, quer em cantos corais quer em epitáfios, que a sua consciência da causa helénica se manifestou mais profundamente. Um epitáfio (X Page) fala da glória de Adimanto, comandante dos Coríntios na batalha de Salamina, por ter permitido, com a sua morte, que toda «a Hélade cingisse a coroa da liberdade».

Em uma inscrição que ao poeta é atribuída, no cenotáfio erguido no Istmo em honra dos Coríntios mortos na batalha de Salamina (XII Page), dizem estes que, «para salvar a Hélade inteira» que estava em perigo, deram

⁽³²⁾ Vide D. Boedeker, «Simonides and Herod. On Plataea», *Arethusa* 29, pp. 232-233.

⁽³³⁾ É esse facto que, por exemplo, autoriza também A. Aloni, «L' elegia di Simonide dedicata alla battaglia di Platea (Sim. Frr. 10-18 W2 e l' occasione della sua performance)», *ZPE* 102 (1994) 9-22 a defender com insistência que a perspectiva de Simónides era valorizar Esparta.

⁽³⁴⁾ Page, *EG* XVII; Thuc. 1. 132. 2; *Anth. Pal.* VI. 197; Meiggs-Lewis, *A Selection of Greek Historical Inscriptions*, p. 60.

a própria vida e agora ali repousam. Cariz pan-helénico apresenta também uma inscrição que, segundo Plutarco, *Moralia* 870E e Díon de Prusa, *Or.* 37.18, seria da autoria do nosso poeta e estaria gravada no túmulo dos Coríntios mortos em Salamina: fala da captura de barcos fenícios e persas e de contributo para a salvação da «sagrada Hélade».

A mesma insistência na salvação da pátria da terrível escravidão pelo exército persa encontramos numa inscrição, também atribuída a Simónides (XVI Page = *IG.* VII. 53), um epitáfio em honra dos Megarenses, mortos durante as Guerras Pérsicas, para que «prosperasse, na Hélade e entre os Megarenses, o dia da liberdade».

Apesar de bastante ligado a Atenas e de ser um iónio, Simónides foi solicitado para celebrar os Espartanos mortos na guerra, e não se eximiu de tal encargo. Poeta verdadeiramente pan-helénico, deu realce, como vimos já, ao contributo dessa cidade na Batalha de Plateias e sentiu-se de certo modo inclinado a exaltar os que pereceram nas Termópilas, até por razões pessoais. Entre os valentes aí tombados, estava um seu amigo, o adivinho Megístias, a quem dedica um epitáfio (VI Page)⁽³⁵⁾. Os valentes das Termópilas – se não é seu o bem conhecido epitáfio

Estrangeiro vai contar aos Lacedemónios que jazemos
aqui, por obedecermos às suas normas.

e um outro⁽³⁶⁾ que, com o epitáfio de Megístias, vem citado em Heródoto 7. 228, sem autoria expressa – mereceram-lhe um canto coral (26 Page) que, na opinião de Lesky, constitui um precioso testemunho da participação poética de Simónides na luta pela liberdade⁽³⁷⁾. Nele considera Simónides que, para os mortos das Termópilas, o destino é glorioso e bela a morte, o pranto anda unido ao elogio e é seu túmulo um altar a que nem o bolor nem o tempo destruirão. Por guarda e protectora, tem a fama excelsa da Hélade:

Esta sepultura de homens corajosos escolheu para a guardar
a fama excelsa da Grécia.⁽³⁸⁾

⁽³⁵⁾ Vide C.M. Bowra, *Greek Lyric Poetry* (Oxford, 1968), pp. 344-345.

⁽³⁶⁾ 92 e 91 D respectivamente. Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Helade* (Porto, 82003), p. 180.

⁽³⁷⁾ *Geschichte der griechischen Literatur* (Bern, 1971), p. 215.

⁽³⁸⁾ Trad. de M. H. Rocha Pereira, *Helade* (Porto, 82003), p. 177.

A morte física transformou-se em vida moral: os que agora jazem não são mortos, mas «a glória da Grécia». Ou seja, traduzindo como H. Fränkel esta visão dos factos para o plano religioso, foram elevados à categoria de heróis protectores, como os mortos dos tempos míticos cujos túmulos eram ao mesmo tempo santuários⁽³⁹⁾.

Se o epitáfio dedicado aos Espartanos, que perderam a vida em Plateias (IX Page), não insiste na noção de pan-helenismo e apenas diz que os que ali jazem coroaram a sua pátria de glória, essa visão já a manifesta o epitáfio que Simónides compôs para os Atenienses caídos na mesma batalha (VIII Page): aí se sublinha que a bela morte é o melhor prémio da *aretê* e que essa sorte coube aos Atenienses:

Se uma bela morte é do valor o melhor galardão,
essa sorte a nós coube entre todos.
Lutámos por coroar a Grécia com a liberdade;
agora jazemos aqui com louvor imarcescível.⁽⁴⁰⁾

Considerados heróis, em sua honra foi instituído em Plateias um culto com um festival, no qual era costume, segundo Plutarco, *Arist.* 21, o arconte brindar às almas dos heróis e dizer «bebo aos homens que morreram pela liberdade da Hélade». Concordo com a análise de Bowra, ao ver nestes dois epitáfios uma adaptação, por parte de Simónides, à mentalidade de Esparta e de Atenas: no epigrama IX Page, absorvidos os ideais de Tirteu, o poeta vai colocar a tónica na glória da polis e não do indivíduo e no renome imortal conseguido pelos que morreram; o epitáfio VIII Page, por sua vez, em honra dos Atenienses, não apresenta referência a imortalidade ou mesmo a Atenas, mas especifica a liberdade da Hélade, realçando desse modo o papel de Atenas na luta contra os Persas⁽⁴¹⁾.

Simónides, como compositor de epitáfios, adquiriu renome e uma posição verdadeiramente pan-helénicos. Tinha uma elevada concepção do ideal pelo qual os Gregos combateram nas Guerras Pérsicas. Via o conflito como uma empresa em que estava em jogo a liberdade de toda a Grécia, mesmo numa altura em que ainda só praticamente os Atenienses tinham entrado em acção.

⁽³⁹⁾ *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums* (München, 1969), pp. 365-366.

⁽⁴⁰⁾ Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 2003), p. 181.

⁽⁴¹⁾ C.M. Bowra, *Early Greek Elegists* (Harvard, 1938, repr. Nova Iorque, 1969), pp. 196-197. Vide ainda A.W. Gomme, *A Historical Commentary on Thucydides* (Oxford, 1956) II, pp. 97-98.

Neste contexto da luta contra os Persas, surge aliás em Simónides ou pelo menos na sua época, como se deduz do anteriormente exposto, a antítese Hélade/liberdade ou dia da escravidão, com ocorrências tanto nos epigramas atribuídos ao poeta de Ceos (VIII, X, XV e XVIII Page) como nos *anonyma* (XX, XXIV e LIV Page) — ideia essa que se torna, a bem dizer, uma fórmula repetida em futuros autores.

A referida dicotomia aparece com relativa nitidez em Ésquilo, em especial nos *Persas*, uma peça que oferece evidente conteúdo pan-helénico. Sendo fundamentalmente uma exaltação da vitória de Salamina — a batalha de Plateias é apenas referida pelo fantasma de Dario na profecia com que prediz a derrota dos Medos (vv. 800 sqq.) —, a peça não é tendenciosa nem louva estritamente Atenas. É a Grécia inteira que triunfa dos Persas, sem esquecer os Lacedemónios, a quem Dario conferirá a honra da vitória de Plateias (vv. 816-817). De modo geral é aos colectivos *Hélade* e *Helenos* que se atribui a façanha — a Hélade que enfrentou os Persas, apesar de certa eminência natural concedida a Atenas, é concebida como um todo sem distinção e os Helenos como um exército unido e único. Neste aspecto é surpreendente e perfeitamente elucidativo que seja a Hélade vestida de dória que aparece em sonhos à mãe de Xerxes (vide supra p. 16-17) e que, em contraposição com a especificação dos nomes de muitos Bárbaros em mais de um passo (vv. 8 sqq.; 302 sqq.; 954 sqq.), nem um grego venha nomeado, antes se chame para primeiro plano o topónimo Hélade e o etnónimo Helenos. Das tragédias gregas conservadas, têm particular relevância para o presente estudo *Os Persas* de Ésquilo e *Ifigénia em Áulide* de Eurípides.

Da primeira, que será analisada em outro lugar desta colectânea⁽⁴²⁾, salientarei apenas que me parece significativo o realce dado pela peça ao mar e aos barcos na decisão do conflito (vv. 409, 560-562, 679-680, 728, 904-908, 1037, 1075-1076); que venha expressa várias vezes a ideia de que o continente asiático era o lugar que os deuses haviam destinado aos Persas (vv 102-108); o mar, como fronteira natural, interditava que Xerxes se aventurasse a transpô-lo (vv. 109-113, 550-553), pelo que, ao fazê-lo, caiu nas malhas de Ate (v. 99), a deusa do erro que cega os Homens⁽⁴³⁾, e, ao arriscar depois a sorte numa batalha naval, provocou a derrota. Salientarei que a narração da batalha, feita aos nobres persas, manifesta um verdadeiro sentimento pan-helénico, já que nela se fala sistematicamente de Hélade e

⁽⁴²⁾ Vide infra pp. 77-93.

⁽⁴³⁾ Vide Kitto, *GrT*, p. 43.

Helenos⁽⁴⁴⁾: o Coro lamenta ter sido em vão que os Persas passaram da Ásia para o solo da *Hélade* (vv. 270-271); a rainha pretende saber quantos navios eram os dos *Helenos* (v. 334) e o Mensageiro responde que, pelo número de barcos, os Bárbaros venceriam, porque os dos Gregos (v. 338) rondavam as três centenas, enquanto os de Xerxes ultrapassavam o milhar (vv. 337 sqq.).

Convém ainda sublinhar a atribuição do início do combate pelo Mensageiro a um gênio vingativo ou a uma divindade maligna e da derrota à acção dos deuses: o aviso daquele grego sem nome da retirada dos *Helenos* durante a noite (v. 358), que leva Xerxes a tomar uma decisão imprudente, para que não escapem (vv. 369-371); aquele clamor que enche de medo os Bárbaros – espécie de cântico (vv. 388-389) que se ouve pela manhã e que incita os «filhos dos Helenos» a combaterem para libertar a pátria, familiares, templos e túmulos dos antepassados (vv. 402 sqq.)⁽⁴⁵⁾; aquele degelo de uma neve outonal e fora de estação, quando tentavam atravessar o Estrímon (vv. 495-507).

Gostaria também de acentuar o relevo concedido às condições adversas que o solo da *Hélade* oferece às tropas persas em fuga: dizimam-nas a fome, a sede (vv. 484, 490-491) e o degelo da neve extemporânea e enganosa – obra de um deus; vence os Persas a própria terra da *Hélade*, como realça Dario (v. 792); protegem essa *Hélade* os deuses que aos invasores enviam reveses. E ainda pôr em evidência que a derrota, em última análise, é olhada como um castigo da divindade (vv. 353-354, 472-477, 515-516, 725, 1005-1007): Xerxes invade a Grécia, mas ao encontrar a oposição do Helesponto à passagem das suas tropas, o rei chicoteia-o e lança-lhe amarras – ele, um homem mortal, julgou-se capaz de dominar Poséidon, deus do mar, pela violência. E foi castigado. Esta visão de que a vitória se devera à intervenção dos deuses estava em consonância, aliás, com o sentimento corrente entre os Gregos. Realça-o o próprio Temístocles logo depois da batalha de Salamina, segundo Heródoto (8. 109. 3), ao atribuir a derrota dos Persas aos deuses e aos heróis que, além de não quererem que um homem só governasse a Ásia e a Europa, desse modo o castigaram por ter incendiado ímpia e criminosamente os santuários, destruído as imagens dos deuses, fustigado e algemado o mar⁽⁴⁶⁾.

⁽⁴⁴⁾ A Atenas, apesar de a cidade ter tido na batalha o papel fundamental, a ele se alude apenas por três vezes (vv. 286-287, 347-349, 355).

⁽⁴⁵⁾ Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos* I, p. 221.

⁽⁴⁶⁾ Vide A. J. Podlecki, *The Political Background of Aeschylean Tragedy*, pp. 22-23.

Sublinhar por fim que a valorização do colectivo e da acção da divindade tem pontos de contacto com o modo como é apresentada, segundo Pausânias (1. 15. 3), a gesta da vitória de Maratona no fresco comemorativo da batalha na *Stoa Poikile*: deixa quase no anonimato a acção dos homens para dar lugar de relevo aos deuses.

Quanto à *Ifigénia em Áulide* de Eurípides é sem dúvida uma das manifestações mais elucidativas de pan-helenismo. Antes porém de iniciarmos essa análise deve notar-se que em Eurípides está subjacente a toda a sua obra uma concepção da Hélade como um todo: o espaço geográfico em que habitavam os Helenos – um povo que um determinado número de traços e valores unia entre si e, ao mesmo tempo, distinguia e separava de outros povos. Desse modo a visão pan-helénica de Eurípides ressalta com certa nitidez do sentido que, sistematicamente, apresentam o corónimo Hélade e o etnónimo Helenos – ou os homéricos Aqueus, Argivos e Dânaos que aparecem com frequência nas peças de tema troiano ou em passos que se lhe refiram, citados precisamente pela ordem de número de ocorrências⁽⁴⁷⁾. Dos muitos passos, exemplifico com dois, um do *Íon* e outro do *Ciclope*, em que esse sentido se apresenta bem nítido: no primeiro a Pítia entrega ao jovem filho de Creúsa o cesto e as faixas em que tinha sido exposto e responde ao seu desejo de saber quem era a mãe com o conselho de, feita a pesquisa em Delfos, proceder à procura entre as outras mulheres da Hélade (v. 1367)⁽⁴⁸⁾. No *Ciclope*, Ulisses, ao oferecer o vinho ao protagonista, diz-lhe para apreciar o que a Hélade extrai da vinha (v. 414).

Em determinados usos de Hélade e Helenos temos como que um estereótipo: é a Hélade ou são os Helenos quem participa na empresa dos Argonautas (*Med.* 476); é a Hélade que se reúne nos grandes santuários religiosos (*Hipp.* 536), em alguns dos quais se realizam festividades desportivas que são «competições helénicas» (*Hipp.* 1016); é para os Helenos (*Íon* 92) que em Delfos a Pítia profere oráculos quando, sentada na trípole, não pode deixar de responder a toda a Hélade (*Íon* 366); é de toda a Hélade que Atenas é apontada como a cidade mais ilustre (*Íon* 8); é na Hélade que Íon será famoso e glorioso, ao dar origem aos Iónios (*Íon* 75 e 1575); foi na

⁽⁴⁷⁾ Dou como exemplo *As Troianas* e a *Hécuba*, em que o termo Aqueus aparece, respectivamente, 29 e 21 vezes, Argivos 13 e 9 e Dânaos 5 e 4.

⁽⁴⁸⁾ Sobre as dificuldades que põem os vv. 1364-1368, vide A. S. Owen, *Eurípides: Ion* (Oxford, 1939, repr. 1963), ad loc.

Hélade que a casa dos Atridas governou e aí adquiriu fama (*Or.* 808 e 970); para glória da Hélade Aquiles foi educado no Pélion (*El.* 449). Também é na Grécia e pelos Helenos que Édipo é conhecido, embora por motivos diferentes — pela desgraça que lhe adveio e pelo destino funesto que lhe bateu à porta: é a Hélade que lhe dá esse nome (*Fenícias* 26-27), por ter sido exposto com os pés furados e atados⁽⁴⁹⁾ e para a Hélade foi lição, segundo Tirésias (*Fenícias* 871), o que lhe aconteceu.

De todos os Helenos se tornou Hércules benfeitor, toda a Hélade lhe deve gratidão e por toda ela se estende a glória do filho de Zeus — são afirmações que ocorrem com frequência na tragédia que tem o seu nome e nas quais *Helenos* e *Hélade* aparecem já com o sentido usual de todos os Gregos e de terra em que eles habitavam. Assim o coro lamenta a morte próxima dos filhos do herói, também futuros defensores da Hélade (v. 135), refugiados no altar de Zeus como suplicantes — uma cena recorrente em Eurípidés e que encontramos também nos *Heraclidas*, na *Andrômaca*, nas *Suplicantes*, na *Helena* —, a fim de evitarem a ameaça de Lico, novo tirano de Tebas, que acusa Anfitrião de ter espalhado por toda a Hélade a vaidade de haver partilhado com Zeus o leito conjugal (v. 148). O ancião defende-se e censura da Hélade pela sua ingratitude (v. 222) e por não vir em defesa (v. 228) de um herói que tanto fez em seu favor. Mais tarde, conhecedor da loucura do herói, o Coro lamenta essa mesma Hélade, por perder o seu benfeitor (v. 877), e considera que o morticínio da mulher e dos filhos ultrapassa o crime das filhas de Dânao, o mais incrível que a Hélade conhecia (v. 1017).

Hércules, recuperada a razão, recorda as empresas realizadas, pensa ser melhor para si morrer e não aparecer mais aos olhos dos Helenos, testemunhas da sua felicidade (v. 1299), e considera a deusa Hera indigna de culto, por ter destruído o melhor herói e o benfeitor da Hélade (vv. 1306 e 1310), devido aos amores de Zeus por uma mulher. E, para o dissuadir Hércules do propósito de escapar à desonra pelo suicídio, Teseu, numa cena cheia de humanismo e de crença no valor da amizade⁽⁵⁰⁾, apresenta como argumento a proibição da Hélade (v. 1254), insiste que é sua obrigação viver

⁽⁴⁹⁾ A autenticidade do v. 26 é, no entanto, controversa. Sobre o assunto, vide M. dos Santos Alves, *Eurípidés: Fenícias* (Coimbra, 1975), pp. 333-336, nota 15.

⁽⁵⁰⁾ Vide Lesky, *Die griechische Tragödie* (Stuttgart, 1964), pp. 207-211; C. M. A. Grube, *The Drama of Eurípidés* (Londen, 1941), pp. 259-260; D. J. Conacher, *Eurípidés Drama* (Toronto, 1967), pp. 86-88.

e promete cumulá-lo de honras em Atenas, na vida e na morte, já que ajudar um homem valoroso como Hércules será, para a cidade, bela coroa de glória em toda a Hélade (v. 1334). Quando aceita partir com Teseu, decide levar o seu arco, arma infalível e instrumento das suas gloriosas empresas na Hélade (v. 1383), porque não pode consentir que caia nas mãos dos inimigos.

O mesmo rei de Atenas volta a surgir como modelo e com estatura pan-helénica nas *Suplicantes*: é o mais ilustre na Hélade (vv. 163 e 277) e aos olhos dos Helenos o que pune os injustos e malvados (v. 340).

Para o meu objectivo, a tragédia oferece outro motivo de interesse. Nela obtêm papel de relevo as «leis comuns dos Helenos» que devem ser acatadas por todos, mesmo, e sobretudo, em caso de conflito entre cidades⁽⁵¹⁾. A necessidade do seu cumprimento constitui um tópico a cada passo evidenciado em Eurípides; por exemplo, adquirem realce em outra tragédia sua — os *Heraclidas*. Numa e na outra afirma-se o dever de acolher e ajudar os suplicantes, de prestar honras fúnebres aos mortos e de poupar a vida aos prisioneiros de guerra.

Nos *Heraclidas*, Euristeu persegue os familiares de Hércules, velhos e crianças, e pretende expulsá-los de «toda a Hélade» (vv. 31 e 954), mesmo quando suplicantes nos santuários dos deuses. Refugiados na Ática, no altar de Zeus, daí os procura arrancar pela violência o arauto de Argos, procedimento que Demofonte condena como próprio de um bárbaro, e não de um grego (v. 130). Em resposta ao arauto, Iolau censura a Argos a pretensão de expulsar os filhos de Hércules das fronteiras dos Helenos (v. 189) e recorda a Demofonte o dever moral de os ajudar, já que «toda a Hélade» (v. 219) é testemunha de que o regresso de Teseu, seu pai, do Hades se devia a Hércules. Ao acolhê-los e defendê-los, o único dos muitos países da Hélade a fazê-lo (v. 151), o rei de Atenas conserva na Hélade o renome paterno (vv. 306 e 324).

A derrota do exército argivo, que procurara impor pela força a Atenas a expulsão dos Heraclidas, vai pôr em realce outras leis aceites por todos os Gregos: as que proíbem matar os prisioneiros de guerra (vv. 961 sqq.). Nesta altura tem razão Euristeu em lembrar que, se lhe tinham poupado a vida durante a batalha, não era agora permitido a Alcmena matá-lo: «as leis dos Helenos» farão da sua morte uma mancha para o homicida (v. 1010), e

⁽⁵¹⁾ Sobre estas leis pan-helénicas e sua importância vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*, pp. 155-190.

Atenas (vv. 1012-1013) agiu bem em proibir a sua morte, pondo o respeito pelos deuses acima do ódio por ele.

As *Suplicantes* trazem de novo para o primeiro plano as leis pan-helénicas: as que estipulam o dever de ajudar e defender os suplicantes que já haviam desempenhado papel de relevo nos *Heraclidas*, e as que obrigam a prestar honras fúnebres aos mortos.

O exército de Argos, para repor o direito de Polinices que fora expulso da pátria, marchara contra Tebas numa expedição, muito falada e comentada. Como refere Teseu (v. 117), não atravessara em silêncio a Hélade. Derrotados os atacantes, a cidade proibiu as cerimónias fúnebres em honra dos mortos do exército inimigo, recusando aceder (v. 123) a um pedido que é sagrado⁽⁵²⁾. Perante esta atitude dos Tebanos, violadora das leis dos deuses e das leis dos Helenos, as mães, esposas e filhos dos que pereceram em Tebas vão a Atenas e dirigem uma súplica a Teseu, o mais valente (v. 163) e o mais estimado (v. 277) da Hélade, para que recupere os corpos dos seus entes queridos e faça cumprir as leis divinas respeitantes ao dever de sepultar os mortos.

Embora a actuação insensata de Adrasto que o lançara numa guerra irresponsável e com laivos de insolência (vv. 155-161)⁽⁵³⁾, leve Teseu a uma primeira recusa, Etra, sua mãe, lembra que ajudar os suplicantes é um dever sagrado, como o é prestar honras fúnebres aos mortos, e mostra que é dever do filho obrigar os Tebanos a ceder os corpos, para os impedir de transgredir as «leis de toda a Hélade» (v. 311). Teseu dá razão às recriminações da mãe e considera que fugir ao perigo e às responsabilidades será indigno de quem pelas suas empresas tem, entre os Helenos (v. 340), fama de punir os malvados. Assim o rei não cede ao pedido de Adrasto, principal responsável da guerra insensata, mas tem de o fazer, quando Etra lhe lembra que estão em causa as queixas da humanidade e as leis sagradas dos deuses. E será em nome de uma e de outras que a sua campanha será empreendida⁽⁵⁴⁾.

⁽⁵²⁾ As leis que obrigam a prestar os rituais fúnebres aos mortos, bem como as que protegem os suplicantes, aparecem ao longo da peça indiferentemente referidas como leis divinas ou como leis pan-helénicas.

⁽⁵³⁾ Grube, *The Drama of Euripides*, pp. 230-233.

⁽⁵⁴⁾ Por essa razão, não aceita a participação de Adrasto na campanha e, uma vez vitorioso, recusa a entrada na cidade de Tebas. Vide Kitto, *The Greek Tragedy* (London, 1961), pp. 226-227.

No debate que se segue, arauto tebano, que é um defensor do regime tirânico de um só, pugna pelo uso da força e da violência e coloca o ódio aos adversários acima da justiça, intima os Atenienses a expulsarem Adrasto, sob pena de sofrerem as consequências da guerra — ameaça que, de certo modo, contradiz a sua afirmação (v. 485) de que a Hélade não pereceria presa da guerra, se na altura da votação cada um tivesse diante dos olhos a morte que ela traz. Teseu, que se ergue como o chefe modelo que submete as decisões à vontade da pólis, advoga as leis dos deuses e os usos comuns dos Helenos; garante que não foi ele a levar a guerra a Tebas e mostra que esta, ao maltratar os mortos, agride uma norma que é «comum à Hélade inteira» (v. 538); reafirma que ele, ao exigir a devolução dos corpos, ou recuperá-los à força, para lhes serem prestadas honras fúnebres, está a observar as leis de todos os Gregos ou uma norma pan-helénica (vv. 526 e 671) e a impedir que, entre os Helenos, a lei antiga dos deuses seja violada por sua culpa e da sua cidade (vv. 561-563):

Não se dirá nunca entre os Helenos
que, por minha convivência e da cidade de Pandión,
a lei antiga dos deuses foi violada.

E assim Atenas teve de recorrer à guerra, que não desejava, para a recuperar os corpos e desse modo possibilitar o cumprimento das leis dos deuses, que devem ser seguidas por todos os Helenos⁽⁵⁵⁾.

Se nas peças acabadas de referir a perspectiva pan-helénica se manifesta predominantemente pelo uso do topónimo Hélade e do etnónimo Helenos e se em outras de tema troiano tal concepção constitui de modo geral um pano de fundo que subjaz à acção, na *Ifigénia em Áulide* a visão da Grécia como um todo e o incitamento a marchar contra a Ásia e contra o Bárbaro aparecem abertamente afirmados⁽⁵⁶⁾.

⁽⁵⁵⁾ Vide Zuntz, *The Political Plays of Euripides* (Manchester, 1963), pp. 3-25 (em especial 3-11). Vide também Conacher, *Euripidean Drama*, pp. 97-105.

⁽⁵⁶⁾ Sobre os problemas de autenticidade que atingem algumas das partes da tragédia, vide C. A. Pais de Almeida, *Eurípides: Ifigénia em Áulide* (Coimbra, 1974), pp. 67-82; C. M. Willink, «The Prologue of *Iphigeneia at Aulis*», *Classical Quarterly* 21 (1971) 343-364; J. Diggle, *Euripidis Fabulae* III (Oxford, 1994), p. VI; W. Stockert, *Euripides Iphigene in Aulis* (Wien, 1992), pp. 66-87.

O tema, bem conhecido, centra-se no sacrifício de Ifigénia, exigido por Ártemis para permitir que a armada partisse — uma frota imponente que se formara, refere o coro no párodo (vv. 164 sqq.), «para que a Hélade fizesse valer os seus direitos» (v. 272). Congregando elementos vindos dos diversos pontos, reunira-se em Áulide e constituía um verdadeiro exército pan-helénico (v. 350). Desde o párodo, portanto, de certo modo se aponta para a guerra como uma luta da totalidade da Hélade pela liberdade⁽⁵⁷⁾.

Mas os ventos não apareciam e um espesso desânimo espalhara-se por toda a armada retida na baía. A peça abre com o silêncio da noite e a inquietação de Agamémnon que mandara chamar a filha para a sacrificar e permitir que a armada partisse. No seu íntimo trava-se, no entanto, penosa luta entre o pai e o general, que termina com o envio de nova missiva a suspender a viagem, mas que é interceptada por Menelau. Este acusa o irmão de ser indigno do cargo que detém e considera a Hélade digna de lamento, já que vai deixar os Bárbaros impunes, quando poderia levar a cabo algo de glorioso (vv. 370-372):

É a Hélade, acima de tudo, a sua desgraça, que choro.
Queria realizar algo de glorioso e vai deixar os Bárbaros,
reles que sejam, rirem-se dela, por tua causa e da tua filha.

O anúncio da chegada de Clitemnestra com a filha — feito por um mensageiro que se dirige ao «soberano de todos os Helenos» (v. 414)⁽⁵⁸⁾ — torna a discussão inútil. A dor de Agamémnon é profunda. A *ananke* envolvera-o nas suas garras (v. 443).

Depois de cantar o poder do amor, que tanto pode trazer felicidade como desgraça, o Coro recorda as consequências do de Páris por Helena (vv. 587-589):

. a discórdia traz a discórdia:
a Hélade com suas lanças e barcos parte
para a cidadela de Tróia . . .

⁽⁵⁷⁾ Sobre o significado do párodo, vide G.M.A. Grube, *The Drama of Euripides* (Londres, 1941), p. 424; G. Mellert-Hoffmann, *Untersuchungen zur Iphigenie in Aulis des Euripides* (Heidelberg, 1969), pp. 23-26.

⁽⁵⁸⁾ Esta fala do Mensageiro, no entanto, na opinião de J. Diggle, não pertence a Eurípides. As suas dúvidas estendem-se ainda a outros passos abaixo citados, em especial vv. 587-589, 1271-1275, 1407-1408.

Mais adiante antevê a guerra próxima contra Tróia e a destruição da cidade, com as naus a transportarem a «turba do exército dos Helenos» para Ílion (vv. 753-755) e a cercarem a urbe porque (vv. 770-772)⁽⁵⁹⁾

do palácio de Príamo querem-na trazer
para o solo da Hélade, à custa dos belicosos
escudos e das lanças dos Aqueus.

Desejo e querer que Aquiles confirma, quando vem junto de Agamémnon pedir satisfações, pela demora na partida que lança no exército o desânimo, pois «tão terrível paixão desta empresa / invadiu a Hélade, não sem culpa dos deuses» (vv. 808-809). Quando sabe que Agamémnon usara fraudulentamente o seu nome para atrair a filha a Áulide, alegando o casamento dos dois, é grande a indignação do filho de Tétis. Embora reconheça que, se o tivessem consultado, teria cedido aos Helenos o nome, para que a partida se efectivasse e para que a empresa comum fosse levada a bom termo (vv. 965-967), não aceita o modo como procederam e exige que, como pretextara, Agamémnon lhe dê a filha em casamento. Mas Agamémnon não cede: não cede às suas exigências, nem aos rogos e ameaças da mulher, nem às súplicas da filha. Não mais hesita. O particular e os sentimentos próprios ficaram para trás. O objectivo da expedição a Tróia impõe-se e está acima de qualquer escrúpulo. Para ele, é a Hélade que está em causa (vv. 1257-1275). É necessária a partida, a fim de pôr cobro aos raptos que fazem na Grécia (vv. 1264-1266), e para a permitir, se bem que o feito seja terrível, há que ousar o sacrifício; urge fazê-lo pela Hélade (vv. 1271-1272), para que ela seja livre (vv. 1273-1275):

Ela deve ser livre, filha, tanto quanto
está nas tuas e nas minhas mãos; não devem os Bárbaros,
a nós que somos Helenos, despojar-nos à força dos leitos.

Embora seja a primeira vez que fala da empresa em termos nacionais, decisivamente Agamémnon põe agora a tónica na liberdade e salvação da Hélade⁽⁶⁰⁾. A sua argumentação está destinada a progredir e vai obter acolhimento em outras personagens.

⁽⁵⁹⁾ J. Diggle, *Euripidea. Collected Essays* (Oxford, 1994), pp. 503-506 defende que os versos 751-772 não foram escritos por Eurípides.

⁽⁶⁰⁾ Embora reconheça alguma razão aos helenistas que vêem na actuação de Agamémnon cedência à ambição e desesperada tentativa de convencimento próprio, parece-me correcta a

Assim, quando Aquiles vem anunciar que mantém a promessa feita de defender Ifigénia, apesar da ameaça de «todos os Helenos» (v. 1352) em apedrejá-lo, nesse momento carregado de tensão, processa-se na alma da filha de Agamémnon uma mudança decisiva, mas de modo nenhum imotivada e irreflectida. São um acto pensado — e de modo algum se trata de caracterização inconsistente, não obstante a censura de Aristóteles (*Po.* 1454a 31 sqq.) — as palavras de Ifigénia a oferecer-se pela Hélade (vv. 1368 sqq.). Todos os olhares da Hélade — refere a jovem — estão fixos em si, dela depende a travessia das naus e o castigo dos Bárbaros (vv. 1378-1381):

Para mim, agora, toda a extensa Hélade dirige os olhos.
Em mim assenta a travessia das naus e a ruína dos Frígios,
para que não mais seja possível, mesmo que algo intentem os Bárbaros,
raptar as mulheres da próspera Hélade.

Embora ame a vida e a luz do dia (1250-1252, 1281-1282 e 1505-1509), não é justo que esse amor seja um obstáculo à partida de todos esses homens que estão prontos a morrer pela Hélade (v. 1389). Pertença comum de todos os Helenos (v. 1386), está pronta ao sacrifício para salvar a liberdade da Hélade (v. 1384). Doa-lhe o corpo (v. 1396), para que — conclui a jovem — «os Helenos governem os Bárbaros», e não estes os Helenos que nasceram para ser livres: «àqueles cabe a servidão e a estes a liberdade».

Aquiles, impressionado com a estatura de Ifigénia e com a sua coragem, qualidades essas que transfere para a própria Hélade, embora em passo que oferece dúvidas quanto à autoria (vv. 1407-1408):

Por ti admiro a Hélade e admiro-te pela Hélade.
É belo o que dizes e digno da tua pátria⁽⁶¹⁾.

É significativa esta aplicação do termo pátria a toda a Hélade. Aliás Ifigénia já o utilizara com o mesmo sentido na fala antecedente. Refere ela (v. 1388) que os Helenos estão prontos a partir para castigarem a injúria feita à pátria (*patridos edikemenes*) e volta a servir-se dele em ocasiões significativas: em palavras sentidas que dirige à mãe e no momento do sacrifício.

opinião de C. A Pais de Almeida, *Eurípides: Ifigénia em Áulide*, pp. 30-31 e 61-62 que valoriza a influência da ideia de unidade e liberdade da Hélade na decisão final. Para mais pormenores vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos I*, pp. 411-412.

⁽⁶¹⁾ Diggle considera que os vv. 1407-1409 não pertencem a Eurípides.

Assim solicita a Aquiles que a deixe salvar a Hélade e à mãe pede que não guarde rancor ao pai, pois foi «contra vontade, pela terra da Hélade» que a votou à morte (vv. 1454-1456); pede ainda que não chore, porque de livre e espontânea vontade se entrega em prol do nome e da honra do seu povo. Aos Helenos dará a salvação (vv. 1472-1473) e será a luz da Grécia (v. 1502). Morre de bem consigo e com consciência do dever cumprido: «Como pessoa feliz que é benfeitora da Hélade» (v. 1446).

Mais tarde, tal como a peça chegou até nós⁽⁶²⁾, o mensageiro informa que as últimas palavras da jovem, proferidas junto ao altar, foram ainda para reafirmar a doação pela sua «pátria e por toda a terra da Hélade» (vv. 1553-1554)⁽⁶³⁾.

Assim, na parte final, há uma insistência significativa na ideia de «salvar a Hélade», que é a terra pátria da heroína e de todos os Helenos, e a expedição contra Tróia torna-se um empreendimento que envolve toda a Grécia na luta contra os Bárbaros.

Deste modo, se a imagem da guerra, na primeira parte da tragédia, oscilava entre a ideia de um empreendimento pan-helénico e a de um capricho de Menelau; se de início a atenção de Eurípides ainda está fixada no individual – drama de um homem que se vê confrontado entre o dever do comandante e o amor do pai –, à medida que a acção avança, a peça adquire força pan-helénica⁽⁶⁴⁾: transforma-se – observa Pohlenz – numa luta da Hélade em favor da liberdade, pela qual Ifigénia se oferece voluntariamente. Torna-se mesmo programática, num apelo aos Gregos

⁽⁶²⁾ Eurípides não levou à cena esta tragédia e trabalhava nela, quando a morte o colheu. A peça foi depois remanejada por outros, em especial seu filho, pelo que hoje é muito difícil destrinçar o que é de Eurípides ou foi depois acrescentado. Diggle, o mais acreditado editor do tragediógrafo, escreve a tal propósito: «Euripidem a posteris purgare non licet: nam genuina subditiuis per nexus confunduntur non explicabiles». Ora a parte final é quase unanimemente considerada um acrescento. Se bem que os dois versos citados, que a ela pertencem, estejam entre os que Diggle considera «uix Euripidei», já o resto da fala final do Mensageiro aparece assinalada como não eurípidea (vv. 1578-1629) ou tem grande probabilidade de ser acrescento de mão alheia (vv. 1532-1577). No entanto, D. Kovacs, na recensão que fez a este III volume na *Classical Review* (48, 2, 1998, p. 271), não concorda com o excesso de dúvida de Diggle, em relação ao texto da *Ifigénia em Áulide*. Mesmo assim e mesmo que sejam também de outra mão (vide supra p. 38 nota 58) os versos 1407-1408 acima citados, não fica em causa a dedução, por os restantes passos aduzidos serem atribuídos com certa segurança a Eurípides.

⁽⁶³⁾ Para uma análise da actuação de Ifigénia e sua atitude perante a guerra, vide Mellert-Hoffmann, *Untersuchungen zur Iphigenie in Aulis des Euripides*, pp. 68-89.

⁽⁶⁴⁾ Vide Mellert-Hoffmann, *Untersuchungen zur Iphigenie in Aulis des Euripides*, pp. 62-67.

para que unidos defendam a liberdade da Grécia⁽⁶⁵⁾. «Para além da simples intenção de representar o drama de Ifigénia» — escreve C. A. Pais de Almeida —, Eurípides realça «o sacrifício por uma pátria comum, a Hélade, cujo nome se repete com certa obsessão»⁽⁶⁶⁾.

Em conclusão, se em determinadas peças Eurípides não se cinge a uma perspectiva pan-helénica, significativamente a última peça que dele nos chegou e que a sua morte em 406 parece ter deixado por concluir, a *Ifigénia em Aulide*, mesmo abstraindo das dúvidas quanto à autenticidade do final, é um apelo à união dos Helenos contra os Bárbaros, os Troianos ou Frígios ou Asiáticos — apelo que será frequentes vezes repetido ao longo do século IV —, para que os primeiros fossem livres e não viessem a ser dominados pelos segundos. Ifigénia oferece-se por esse ideal. Compreende-se esta atitude do poeta. Afastado na Macedónia, para onde se retirara em 408, via a sua cidade caminhar para o desastre frente às armas da cidade rival coligada com os Persas. E no século V a.C., com frequência se estabeleceu a equivalência entre Bárbaros, Troianos ou Frígios, Persas, povos da Ásia.

E assim o corónimo Hélade e o etnónimo Helenos — que de início designavam uma região do reino de Aquiles e o povo que aí vivia, respectivamente — estende-se aos poucos a toda a Grécia e a todos os seus habitantes. Através deles os Gregos expressaram a tomada de consciência de que formavam um todo com características próprias — mesma religião, mesma língua, mesmos costumes, leis comuns — que os distinguiam dos outros povos a que apelidavam genericamente de Bárbaros. Embora devamos ter em conta que, antes de Salamina e Plateias, as cidades gregas da Ásia Menor e muitas das ilhas do Egeu se encontravam sob o domínio persa, trata-se de uma visão dicotómica do outro que de início apenas apresentava um sentido linguístico — os que falavam grego, uma língua inteligível, portanto, e os que falavam outras linguagens ou articulavam sons incompreensíveis — com o tempo, sobretudo a partir das Guerras Medo-Persas, adquiriu outras conotações que lhe imprimiram um cariz de superioridade/inferioridade a nível humano, cultural, político, religioso. A cada passo essa oposição era ainda sublinhada pela noção de que cada um deles tinha continentes diversos como habitat natural: para os Helenos, a Europa e, para os Bárbaros — nos séc. V e IV a. C. frequentemente identificados com os Persas — a Ásia, como se pode ver nos *Persas* de Ésquilo e na *Ifigénia em Áulide* de Eurípides, por exemplo.

⁽⁶⁵⁾ *L' uomo greco* (trad. it. Firenze, 1962), p. 250.

⁽⁶⁶⁾ *Eurípides: Ifigénia em Áulide*, p. 44.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2005

